

Ô Catarina!

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA | NÚMERO 75 | 2012

*O ser que é ser e que jamais vacila
nas guerras imortais entra sem susto,
leva consigo este brasão augusto
do grande amor, da nobre fé tranqüila.*

*Os abismos carnavais da triste argila
ele os vence sem ânsias e sem custo...
fica sereno, num sorriso justo,
enquanto tudo em derredor oscila.*

*Ondas interiores de grandeza
dão-lhe essa glória em frente à Natureza,
esse esplendor, todo esse largo eflúvio.*

*O ser que é ser transforma tudo em flores...
e para ironizar as próprias dores
canta por entre as águas do Dilúvio!*

+ Passagens de “Missal”
a “Memórias sentimentais
de João Miramar”
por Jefferson Mello

+ Um soneto decassílabo
“inédito” nas entrelinhas
das “Evocações”
por Carlos Felipe Moisés



Cruz e Sousa 150 ANOS DE “VIDA”

Assinalado pela África

Biógrafo Uelinton Farias Alves
e pesquisadora Zahide Luppinacci Muzart
identificam defesa da causa negra nos
primeiros escritos de Cruz e Sousa

As evocações do desterrado

“A palavra só tem sentido se nos livra do objeto que ela nomeia (...). Na linguagem autêntica, a palavra tem uma função, não apenas representativa, mas também destrutiva. Ela faz desaparecer, torna o objeto ausente, anulá-lo.” *Palavras de Maurice Blanchot – no livro “A parte do fogo” – sobre Stéphane Mallarmé, simbolista. Palavras que parecem figurar o destino de João da Cruz e Sousa (1861-1898), o filho de escravos nascido em Desterro e que cumpriu, nos “abismos carnavais da triste argila”, uma lenta desapareição na direção da Religião da Arte, do emparedamento social, da Nevrose do Infinito, até a anulação da palavra cruz que o nomeou. Um Assinalado para viver ainda em vida a condição de objeto ausente.*

A invisibilidade combativa do negro João (indicam os textos de Uelinton Farias Alves e Zahide Lupinacci Muzart) e o caos construtor da linguagem parnasosimbolista e sumamente pré-modernista (evidenciam Jefferson Mello e Carlos Felipe Moisés) se entranham no João da Cruz e Sousa redivivo, passados 150 anos. Ô Catarina! faz presente o “iniciado” e desterrado que atravessou as levas de críticos e leitores, do século XIX ao XXI, para ser, pela evocação de sua leitura, ao mesmo tempo “alma e boca”, Sensações, Ideias, Sonho, Gozo e Dor: o Símbolo incessante do desafio político e poético. ■



O ÓRGÃO

*Um largo e lento vento dolente
Taciturnas lágrimas sonâmbulas, sinfônicas
Um esquecimento amargo
Uma sombria clausura de almas
Suspirando e gemendo solitárias harmonias
Vago luar de esquecimento e preces
Dessa melancolia que anda errando
No mar e nas estrelas ondulando,
Pela minh'alma etereamente desce.*

*Na minh'alma, dos Sonhos anoitece
O Sentimento que ando transformando
Em hóstia de ouro*

Sombra e silêncio

versos brancos

Jayro Schmidt

Na extensa e intensa produção literária de Cruz e Sousa, “O órgão” o situa no extremo de sua poética, cuja força existencial é proporcional à força da linguagem. Se não fosse isso, não se poderia dizer que o poema é um emblema de tudo o que escreveu.

Em qualquer leitura que se faça de sua obra, ali vamos encontrar esse poema insinuado, querendo vir à superfície da escrita pela persistência da imaginação sinestésica que não se ateuve à rima, anteriormente vista como alma do poema. É que surgiu o poema em prosa em função das vertigens da vida moderna, definido por Baudelaire na dedicatória de “Spleen de Paris”:

Quem de nós não teria sonhado, em dias de ambição, a obra maravilhosa de uma prosa poética? Deveria ser musical sem ritmos e sem rima; deveria ser suficientemente flexível e áspera para adaptar-se às emoções líricas da alma, aos movimentos ondulados do sonho, aos choques da consciência. Este ideal, que se pode tornar uma ideia fixa, vai apoderar-

-se especialmente de quem vive nas cidades gigantes na malha de suas inúmeras relações entrelaçadas.

Observa-se que o poema sem rima estava subentendido na prosa poética, logo reconhecido por vários poetas europeus. Por ter assimilado estas novas propriedades, especialmente na linhagem francesa, Cruz e Sousa fez o estético oscilar para o semiótico, e, por um instante, além de prescindir da rima, excluiu a pontuação.

Esse instante de sonoridades místicas é justamente “O órgão”, com o qual abriu um claro no claro com a reverberação de brancuras que acabou pedindo morada nos versos brancos, não por algum capricho. Porém, pela própria sequência dos versos como se fossem tomadas sonoras que repercutiram, ou mesmo fotogramas, porque entre o som e o sentido estava o ícone simbólico em seu fulgor máximo com a “hóstia de ouro”. Com um poema assim vislumbrando-se, quase dito por si mesmo, não se poderia querer um final mais próximo da reversão do invisível no visível com as sugestões de “sombra e silêncio”.

expediente



GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA | João Raimundo Colombo
VICE-GOVERNADOR | Eduardo Pinho Moreira
SECRETÁRIO DE ESTADO DE TURISMO, CULTURA E ESPORTE | Celso Antonio Calcagnotto



PRESIDENTE | Joceli de Souza
DIRETORA DE DIFUSÃO ARTÍSTICA | Mary Garcia
DIRETORA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL | Andréa Marques Dal Grande
DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO | Silvío Hencke
CONSULTOR JURÍDICO | Rodrigo Goeldner Capella
CONSULTOR DE PROJETOS ESPECIAIS | Marco Anselmo Vasques
ASSISTENTE DA PRESIDÊNCIA | Mônica Silva Prim
ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO | Marilene Rodrigues Correia
GERENTE OPERACIONAL | Saulo da Silva
GERENTE DE ADMINISTRAÇÃO, FINANÇAS E CONTABILIDADE | Aline Monique Bourdot de Souza

GERENTE DE LOGÍSTICA E EVENTOS CULTURAIS / PROJETOS | Ivan Carlos Schmidt Filho
GERENTE DE LOGÍSTICA E EVENTOS CULTURAIS / MARKETING | Luís Carlos Enzweiler
GERENTE DE PATRIMÔNIO CULTURAL | Halley Filipouski
GERENTE DE PESQUISA E TOMBAMENTO | Elizangela Cristina Oliveira
GERENTE DAS OFICINAS DE ARTE | Hassan Felix de Souza
ADMINISTRADORA DO MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA | Lygia Helena Roussenq Neves
ADMINISTRADOR DO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM | Ronaldo dos Anjos
ADMINISTRADORA DO MUSEU HISTÓRICO DE SANTA CATARINA | Vanessa Borovsky
ADMINISTRADOR DA CASA DOS AÇORES MUSEU ETNOGRÁFICO | Valério Carioni
ADMINISTRAÇÃO DO MUSEU NACIONAL DO MAR | Fundação Catarinense de Cultura
ADMINISTRADORA DA CASA DE CAMPO DO GOVERNADOR HERCÍLIO LUZ | Marilóide da Silva

ADMINISTRADORA DO TEATRO ÁLVARO DE CARVALHO | Soraya Fôes Bianchini
ADMINISTRADORA DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA | Patrícia Karla Firmino
ADMINISTRADORA DO CENTRO INTEGRADO DE CULTURA | Iara Rosalina da Silva
ADMINISTRADORA DA ESCOLINHA DE ARTE | Alessandra Ghisi Zapelini
ADMINISTRADOR DA CASA DA ALFÂNDEGA | Valério Carioni
SECRETÁRIA EXECUTIVA DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA | Marita Balbi

Ô Catarina!

EDITORES | Dennis Radünz e Jayro Schmidt
COORDENADORA | Mary Garcia
CONSELHO EDITORIAL | Jayro Schmidt, Mary Garcia, Onor Filomeno e Péricles Prade.
REVISÃO | Denize Gonzaga e Marcos Karro

PLANEJAMENTO GRÁFICO | Ayrton Cruz
ILUSTRAÇÃO DA CAPA | Teresa Siewerdt
IMPRESSÃO | Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (loesc)
TIRAGEM | 8 mil exemplares

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PUBLICAÇÃO DA FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA

APOIO | FUNCULTURAL
Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte
www.sul.sc.gov.br

FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
Av. Governador Irineu Bornhausen, 5.600 – Agrônômica – CEP 88025-202 – Florianópolis – Santa Catarina
E-MAIL | ocatarina@fcc.sc.gov.br
FONE | (48) 3953-2312
SITE | www.fcc.sc.gov.br

Fecundai o Mistério destes versos

DA MÚSICA SIMBOLISTA AO DESALENTO, DO ABJETO AO SUBLIME,
“SIMPÓSIO CRUZ E SOUSA” APRESENTOU LEITURAS POLIFÔNICAS

Da redação

“Todo poeta é um sol negro”, definiu o poeta-artista Rodrigo de Haro numa fala do Simpósio Cruz e Sousa, realizado na Casa José Boiteux, Florianópolis, uma parceira da Academia Catarinense de Letras e Fundação Catarinense de Cultura, com a curadoria do poeta e prosador Péricles Prade. O “sol negro” João da Cruz e Sousa (1861-1898) que, nos 150 anos de seu nascimento, foi objeto de palestras e debates em torno de temas como erotismo, música, fealdade, poesia maldita, contemporaneidade, além de novos dados sobre sua vida e obra, incluindo-se um surpreendente soneto “inédito” descoberto pelo poeta e professor Carlos Felipe Moisés nas entrelinhas das prosas do livro “Evocações”. (ver página 11 de *Ô Catarina!*) Toda a “ginga do poeta negro”, nas palavras do biógrafo Uelinton Farias Alves.

Na fala “Música e evocação em Cruz e Sousa”, o escritor e professor Álvaro Cardoso Gomes afirmou que “na musicalidade do Simbolismo emergiu a voz mesma da interioridade”, observando que, no texto de Cruz, a “audição da cor sonora é possível nos fonemas que vaporizam palavras e imitam a música na forma da sinfonia”. O autor do romance “Os rios inumeráveis” indicou a filiação do poeta do Desterro à linhagem de Baudelaire e Verlaine, com a ressonância dos poemas de “Oaristos”, do português Eugênio de Castro, sendo comum a eles a “música emoliente e atmosfera de desalento”. Para Gomes, a poesia simbolista “evoca objetos” e, na lição de Mallarmé, confere às palavras a mesma liberdade das notas musicais (na espessa adjetivação do poema “Antífona”, citado como exemplo, o verbo aparece somente na 7.ª estrofe). A poesia simbolista é “inimiga da revelação direta de sentimentos e da enunciação filosófica”.

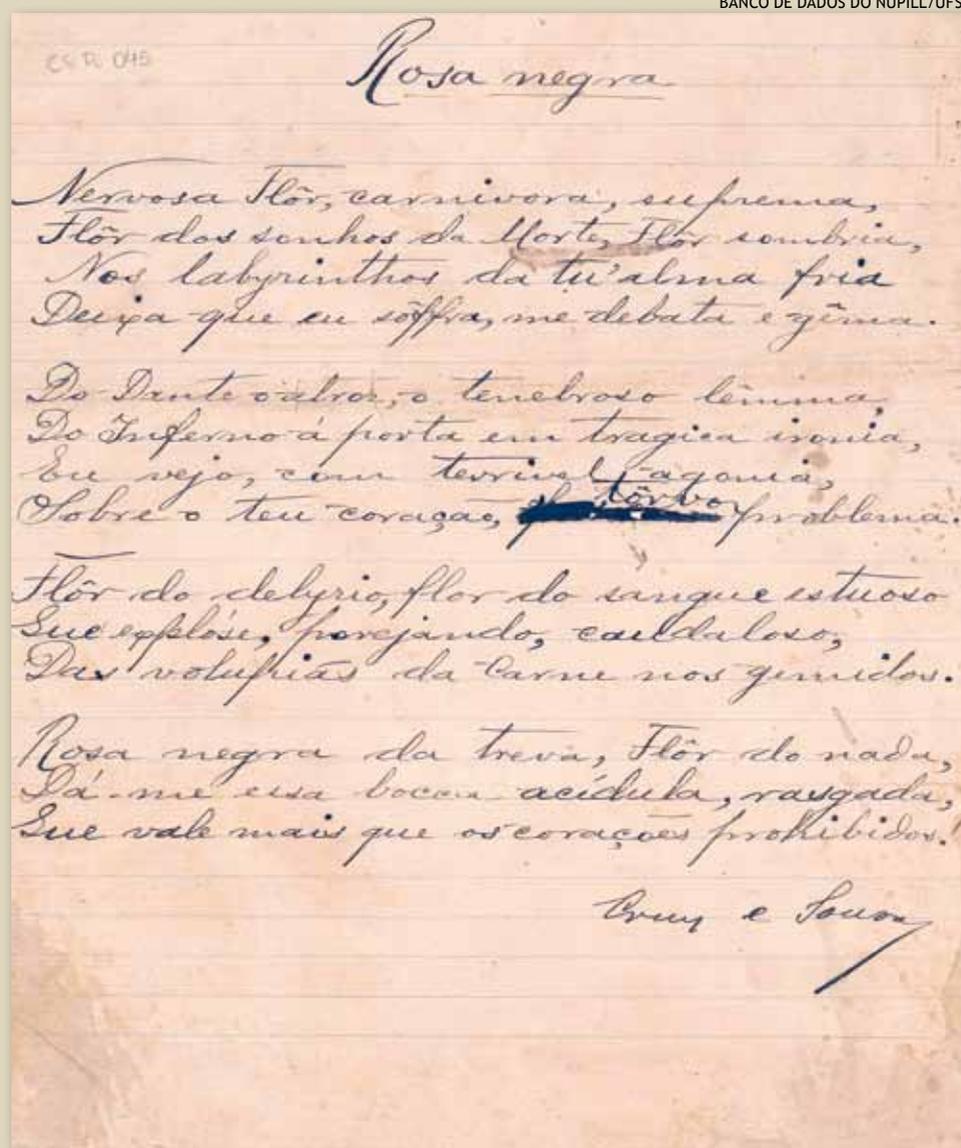
“O que teria Baudelaire dito, se soubesse [da existência] de Cruz e Sousa?”, provocou o poeta Claudio Willer, situando o autor de “Broquéis” na descendência dos “surpreendentes da alma”, como Poe, Nerval e Hoffmann. Como o “luxurioso” poeta situou Baudelaire “no Inferno” (na prosa poética homônima de “Evocações”), Willer desentranhou esse pertencimento mútuo à luz da polivalência vista em “poemas satânicos que se tornam devotos e vice-versa, trânsitos do claro ao obscuro, do sublime ao abjeto”. Numa longa digressão, e com os “prazeres do comparativismo literário”, ele traçou os pontos de contato entre Cruz e Alfred Jarry, Rubén Darío, Lugones, Huidobro e Herberto Helder. Para Claudio Willer, “o Modernismo nacionalista e os herdeiros do Romantismo recalcam o Simbolismo, por ser internacionalista”.

Na fala final do Simpósio, na véspera do Dia da Consciência Negra, o poeta e ensaísta Ronald Augusto comparou Cruz e Sousa a poetas negros contemporâneos como Eduardo Assis Duarte, Arnaldo Xavier e Ricardo Aleixo, e analisou os dilemas e os estilemas do poema em prosa “Emparedado”, aludindo à definição de Roger Bastide, para quem esse texto seria “um protesto racial em revolta estética”.



MEMÓRIA DO DESTERRO – RUA DO LIVRAMENTO, ATUAL TRAJANO, COM A IGREJA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E SÃO BENEDITO DOS HOMENS PRETOS AO FUNDO

BANCO DE DADOS DO NUPILL/UFSC



CALIGRAFIA – ORIGINAL DO SONETO “ROSA NEGRA”, ANTERIOR A “BROQUÉIS”. DOCUMENTO DISPONÍVEL NO PORTAL CATARINA

simpósio cruz e sousa

16 DE NOVEMBRO DE 2011

- Vida e obra de Cruz e Sousa: aspectos fundamentais
por Godofredo de Oliveira Neto
DEBATEDOR | Celestino Sachet
- Erotismo na obra de Cruz e Sousa
por Augusto Contador Borges
DEBATEDOR | Péricles Prade

17 DE NOVEMBRO

- Música e evocação em Cruz e Sousa
por Álvaro Cardoso Gomes
DEBATEDOR | Leatrice Moellmann
- A estética do feio na poética de Cruz e Sousa
por Eliane de Alcântara Teixeira
DEBATEDOR | Júlio de Queiroz

18 DE NOVEMBRO

- Vida e obra de Cruz e Sousa: novos ângulos
por Uelinton Farias Alves
DEBATEDOR | Artêmio Zanon
- A prosa poética de Evocações
por Carlos Felipe Moisés
DEBATEDOR | Dennis Radünz

19 DE NOVEMBRO

- Cruz e Sousa: poeta maldito
por Claudio Willer
DEBATEDOR | Rodrigo de Haro
- A poética de Cruz e Sousa hoje
por Ronald Augusto
DEBATEDOR | Marco Vasques

João da Cruz e Sousa, o poeta negro

DEFESA DO ABOLICIONISMO NOS ESCRITOS DA PRIMEIRA FASE
REVELA O FILHO DE ESCRAVOS FIEL ÀS SUAS ORIGENS AFRICANAS

Uelinton Farias Alves

“No intuito de esboroar, derruir a montanha negra da escravidão no Brasil, ergueram-se em toda parte apóstolos decididos, patriotas sinceros que pregam o avançamento da luz redentora, isto é, a abolição completa.” Cruz e Sousa publicou esse texto em Desterro, em 12 de outubro de 1885, no jornal “O Moleque”, do qual era editor. Tinha como título “Abolicionismo”, na verdade uma palestra proferida pelo vate negro na redação do jornal “Gazeta da Tarde”, em Salvador, Bahia, durante a sua passagem pela capital da província como “ponto” da Companhia Dramática Julieta dos Santos, cujo diretor era Moreira de Vasconcelos.

O texto, que comoveu a diversificada e seleta plateia provincial, representa um dos exemplos importantes da militância de Cruz e Sousa no processo abolicionista, tanto em Santa Catarina quanto no Ceará, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo e Belém do Pará, certamente parte da consciência política do poeta que, ao se afirmar como negro, filiava-se às ideias mais avançadas do seu tempo. Inclusive retornou ao tema em artigo do jornal “Regeneração”, em 22 de junho de 1887, intitulado “O abolicionismo”. (ver texto ao lado)

Embora imortalizado como o grande poeta do Simbolismo brasileiro, inaugurador de uma escola (aliás, o único autor negro a criar uma escola literária no Brasil, enquanto Teixeira e Sousa, outro negro, foi o iniciador do romance em 1843), sua trajetória como abolicionista e político, defensor da república, da liberdade, igualdade e fraternidade entre os homens, é pouco conhecida e estudada por pesquisadores e apreciadores de sua vida e obra.

É preciso que se diga que Cruz e Sousa foi um militante ardoroso. Sua trajetória pela causa da Abolição da Escravatura começou na antiga cidade de Nossa Senhora do Desterro (atual cidade de Florianópolis), onde nasceu a 24 de novembro de 1861, filho de Carolina Eva da Conceição, negra liberta, lavadeira e quituteira, e de Guilherme Sousa, pedreiro e pobre jornaleiro, escravo da família do marechal Guilherme Xavier de Sousa, militar da Guerra do Paraguai, e de Clara Angélica Xavier de Sousa, em cujo sobrado nasceu e permaneceu até o período de sua juventude.

Foi exatamente nesta fase que Cruz e Sousa teve consciência do seu valor e começou a posicionar-se como homem negro e militante. Esse passo foi dado, pela primeira vez, quando aluno do Ateneu Provincial Catarinense, onde entrou graças ao empenho do pai (“pobre jornaleiro, que tudo sacrifica pela saúde dos filhos”). Nesse educandário, Cruz e Sousa, pela primeira vez, mostrou os seus dons intelectuais.

Aí fez a diferença, derrubando velhos dogmas e estereótipos preconceituosos, racistas, surgidos

Pedra Antioquia da Silva, a noiva antes de Gavita, revela que o poeta mantinha uma relação estreita com a população negra da Ilha: “Não desprezava os pretos como ele.”



BANCO DE IMAGENS DA CASA DA MEMÓRIA DE FLORIANÓPOLIS

“ETERNIDADE RETROSPECTIVA” – O ANTIGO MERCADO PÚBLICO

o abolicionismo (trecho)

(...)

Se a humanidade do passado, por uma falsa compreensão dos direitos lógicos e naturais, considerou que podia apoderar-se de um indivíduo qualquer e escravizá-lo, compete-nos a nós, a nós que somos um povo em via de formação, sem orientação e sem caráter particular de ordem social, compete-nos a nós, dizíamos, fazer desaparecer esse erro, esse absurdo, esse crime.

Não se pense que com a libertação do escravo virá o estado de desorganização, de desmembramento no corpo ainda não unitário do país.

Em toda a revolução, ou preparação de terreno para um progredimento seguro, em todo o desenvolvimento regulado de um sistema filosófico ou político, tem de haver, certamente, razoáveis choques, necessários desequilíbrios, do mesmo modo que pelas constantes revoluções do solo, pelos cataclismos, pelos fenômenos meteorológicos, descobrem-se terrenos desconhecidos, minerais preciosos, astros e constelações novas. O desequilíbrio ou o choque que houver não pode ser provadamente sensível, fatal para a nação. Às forças governistas compete firmar a existência do trabalho do homem tornado repentinamente livre, criando métodos intuitivos e práticos de ensino primário, colônias rurais, estabelecimentos fabris etc.

e exportados lombrosianamente da Europa, segundo os quais os negros não tinham condições de aprender e intelectualizar-se. Cruz e Sousa, sem dúvida, foi o oposto disso. Começa, logo após, sua árdua e aguerrida atuação como poeta, jornalista, escritor, teatrólogo, orador, conferencista, articulista, professor. No final dos anos 1870, conhece – ao menos pelo que chegou até nós – o seu primeiro texto impresso, que saiu publicado em junho de 1879, num pequeno jornal de sua cidade.

No início, são textos eivados de sentimentalismo, elogios mútuos, alegrias trêfegas, pessimismos: “Ai! que viver mais desgraçado!.../ Que sorte tão crua e desazada!.../ Quem assim tem a vida amargurada / Antes já morrer, ser sepultado.” Para a noiva Pedra Antioquia da Silva, tinha

muitos arroubos. O poeta, que gostava de ser chamado de escritor, dizia que iria morrer, mas um dia deixaria um nome na história, e sonhava que governaria Santa Catarina.

Num depoimento dado muitos anos depois da morte de Cruz e Sousa, em entrevista a um jornal carioca, Pedra, ainda visivelmente apaixonada pelo poeta (“Oh! sim! jamais pude esquecer-lo. E toda a vez que tenho necessidade de falar de Cruz e Sousa, é como o senhor vê: corol!”), revela que o poeta mantinha uma relação estreita com a população negra da Ilha. Segundo ela, Cruz e Sousa “não desprezava os pretos como ele”, pelo contrário, “sempre saudava cortesmente e frequentava sociedade e reuniões familiares de gente de cor, onde se fazia ouvir ao piano e ao violão”.

Dado extremamente relevante na biografia do poeta catarinense, mas novo, a relação com a comunidade negra nos faz pensar Cruz e Sousa com outro viés e outro papel político e social. A partir desse ponto, fica fácil compreendermos as articulações de sua obra com o processo abolicionista, bem como relê-la com outros olhos. Tanto é verdade que, já a partir do ano de 1885, os textos do poeta se tornam mais contundentes: no livro “Tropos e Fantasias”, o texto “O Padre” (um padre, “amancebado com a treva”, e “de batina e breviário... horror!”) denuncia a situação de um padre escravocrata! De fato, os anos 1880 marcam o processo da militância, mas, ao mesmo tempo, revelam os textos mais importantes do poeta na defesa da causa contra a escravidão.

O resultado desse Cruz e Sousa engajado é o fechamento de portas ao acesso a cargos do serviço público, a perseguição que a mãe sofria das patroas, que lhe cortavam os serviços de lavagem de roupa, a marginalização do irmão Norberto da Conceição Sousa, que, embora tivesse formação parecida com a do futuro autor de “Missal” e “Broquéis”, ganhava a vida como tanoeiro (aquele que fazia barricas, tambores para colocar aguardente e conservar água).

Até o ano da Abolição da Escravatura, em 1888, Cruz e Sousa viveu dos minguados ordenados da imprensa, da ajuda dos pais e dos amigos, até se transferir para o centro do país, a cidade do Rio de Janeiro. Na capital da nascente República, outra batalha de vida: o acesso aos jornais, na mão de outro grupo literário (Olavo Bilac, Raimundo Correia, Paula Ney, Artur e Alúcio Azevedo) e a dura vida de jornalista, e, logo após, de servidor público.

Casando-se com Gavita, teve diversos filhos. O preconceito e a carestia da vida tornaram-no um homem cético e desesperançoso: a loucura da esposa, a doença dos filhos, a miséria, as dificuldades de acesso às coisas da vida, a falta de empoderamento. Cruz e Sousa, na sua passagem pelo Rio de Janeiro, foi como um exilado por ser negro e pobre. “Artista!” – dizia o poeta em “O emparedado” – “pode lá isso ser se tu és d’África, tórrida e bárbara, devorada insocialmente pelo deserto, tumultuado de matas bravias, arrastada sangrando no lodo das Civilizações despóticas...”. Essa noção consciente da sua realidade perseguiu Cruz e Sousa até sua morte, de tuberculose, a 19 de março de 1898, na estação de Sítio, Minas Gerais.

Nos 150 anos de seu nascimento, João da Cruz e Sousa nos oferece a grande oportunidade de repensar a sua presença na terra, o seu papel como homem e intelectual e o seu posicionamento literário como um dos mais importantes poetas e escritores do século XIX e da literatura brasileira (e catarinense), ao mesmo tempo em que redimensionamos o seu papel como um dos protagonistas do movimento abolicionista brasileiro. ■

BANCO DE IMAGENS DA CASA DA MEMÓRIA DE FLORIANÓPOLIS



... E CAIS, ALFÂNDEGA AO FUNDO, NA DESTERRO DO SÉCULO XIX

A Escravidão recua, o Abolicionismo avança, mas avança seguro, convicto, como uma ideia, como um princípio, como uma utilidade. Até agora o maior poder do Brasil tem sido o braço escravo: dele é que partem a manutenção e a sustentação dos indivíduos de pais dinheirosos; com o suor escravo é que se fazem deputados, conselheiros, ministros, chefes de Estado. Por isso no país não há indústria, não há índole de prática social, não há artes.

Os senhores filhos de fazendeiros não querem ser lavradores, nem artífices, nem operários, nem músicos, nem pintores, nem escultores, nem botânicos, nem floricultores, nem desenhistas, nem arquitetos, nem construtores, porque estão na vida farta e fácil, sustentada e amparada pelo escravo dos pais, que lhes enche a bolsa, que os manda para as escolas e para as academias.

De sorte que, se muitas vezes esses filhos têm vocação para uma arte que lhes seja nobre, que os engrandeça mais do que um diploma oficial, são obrigados a doutorarem-se porque se lhes diz que isso não custa e que poderão, tendo o título, ganhar mais facilmente e até sem merecimento, posições muito elevadas; e mesmo porque, ser artista, ser arquiteto, ser industrial etc., é uma coisa que, no pensar acanhado dos escravocratas, dos retrógrados e dos egoístas, não fica bem a um nhonhô nascido e criado no conforto, no bem-estar, no gozo material da moeda dada pelo braço escravo.

■ TEXTO PUBLICADO NO JORNAL “REGENERAÇÃO”, DE DESTERRO, EM 22 DE JUNHO DE 1887.

texto | uelinton farias alves

é professor de literatura, escritor, autor de onze livros, entre os quais “Cruz e Sousa: Dante negro do Brasil” (Pallas Editora, 2008) e “José do Patrocínio: a imorredoura cor do bronze” (Garamond, 2010). Crítico literário, escreve para o caderno “Prosa & Verso”, do jornal O Globo.

Resistência pelo testemunho

MARIA FIRMINA DOS REIS (1825-1917) E JOÃO DA CRUZ E SOUSA CRIARAM APAIXONADOS LIBELOS CONTRA A ESCRAVIDÃO

Zahide Lupinacci Muzart

No século XIX, tivemos vários escritores negros, alguns com plena consciência do racismo, como João da Cruz e Sousa, outros que venceram e conseguiram sobressair-se numa sociedade branca, como Machado de Assis, e algumas escritoras negras que ficaram esquecidas, tal como as brancas. A imagem do negro na literatura dessa época sempre foi a do escravo maltratado, submisso ou louco, imagem que aparece nos contos “A escrava”, de Maria Firmina dos Reis, “O tio Job”, de Ridelina Ferreira (1867-?) ou no romance de Júlia Lopes de Almeida, “A família Medeiros”, entre as escritoras mulheres, ou em Joaquim Manoel de Macedo de “Vítimas-algozes” (1869) e Bernardo Guimarães de “A escrava Isaura” (1875). Tal temática muda a partir do século XX, quando a Abolição da Escravatura vai ficando mais distante.

A voz negra que se inicia com Maria Firmina dos Reis (1825-1917) na denúncia dos males da escravidão é a que, pela primeira vez na literatura brasileira, dá voz a uma personagem espectralizada na realidade, no negro real de sua época, o escravo, e não, como no romance de Bernardo Guimarães – que tanto sucesso fez por causa da novela da rede Globo de televisão –, a uma mulher branca.

O pesquisador Gustavo Garcia, em “La literatura testimonial latinoamericana”, considera a escrita de testemunho uma forma nova de criar literatura, em contrariedade à tradição canônica. Deve-se pensar que o que chamo de literatura de testemunho para a literatura negra é diferente do *testimonio*, porque não é uma narrativa que tenha o narrador letrado que reconta o que o subalterno viveu (a exemplo de Rigoberta Menchú), mas é narrativa que teria um compromisso político de registro de eventos nos quais a violência seria dominante. Enquanto no *testimonio*, conforme explica Valéria de Marco, “o letrado teria a função de recolher a voz do subalterno, do marginalizado, para viabilizar uma crítica e um contraponto à “história oficial”, em algumas obras da literatura negra, são as personagens subalternas, criadas pelo autor, que exercem essa função, ou melhor, que falam e relatam as injustiças sofridas por um grupo de pessoas, no caso, uma etnia no Brasil. Esse tipo de texto de



*“Rio de esquecimento tenebroso,
Amargamente frio,
Amargamente sepulcral, lutuoso,
Amargamente rio!”*

testemunho teria um viés político, de denúncia e de resistência e, embora em Maria Firmina não seja aparentemente o tema principal, torna-se o tema estudado e enaltecido, nos dias de hoje, pela crítica literária contemporânea.

Ao ler os textos de autores negros, pode-se encontrar, em geral palimpsesticamente, uma literatura de testemunho. Por exemplo, a voz de Maria Firmina dos Reis, oculta na personagem Mãe Susana, trará à literatura uma África desconhecida do branco, como um continente de liberdade. E o discurso da personagem tem também as características de um discurso de testemunho, a palavra representa a realidade e a violência da época e atribui voz a subalternos excluídos.

A ideia de que os escravos contaminavam os brancos com suas maneiras, crenças e vícios, muito disseminada na época, é derivada da política de branqueamento, que se alimentava do biologicismo do século XIX, classificando a variedade humana em raças superiores e inferiores. Já Montesquieu pensava que a escravidão era prejudicial para o escravo, mas, igualmente, para o dono.

Algumas viajantes estrangeiras que estiveram no Brasil, no século XIX, como a Baronesa de Langsdorff e a Mme. van Langendonck, também já traziam, antes mesmo de aqui conhecerem a escravidão, as mesmas ideias. Em diários dessas viajantes, a presença da escravidão é uma constante e ora teremos críticas aos senhores de escravos, ora aceitação.

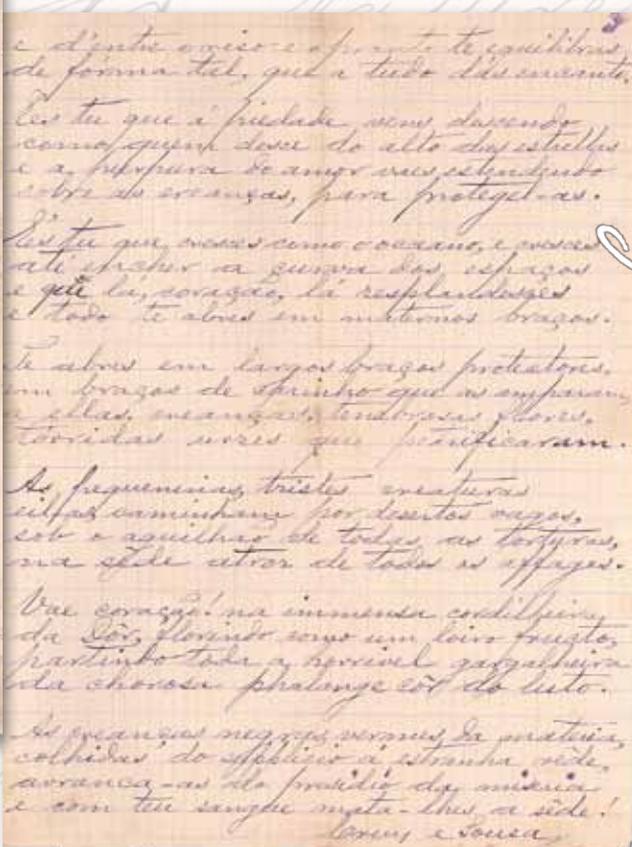
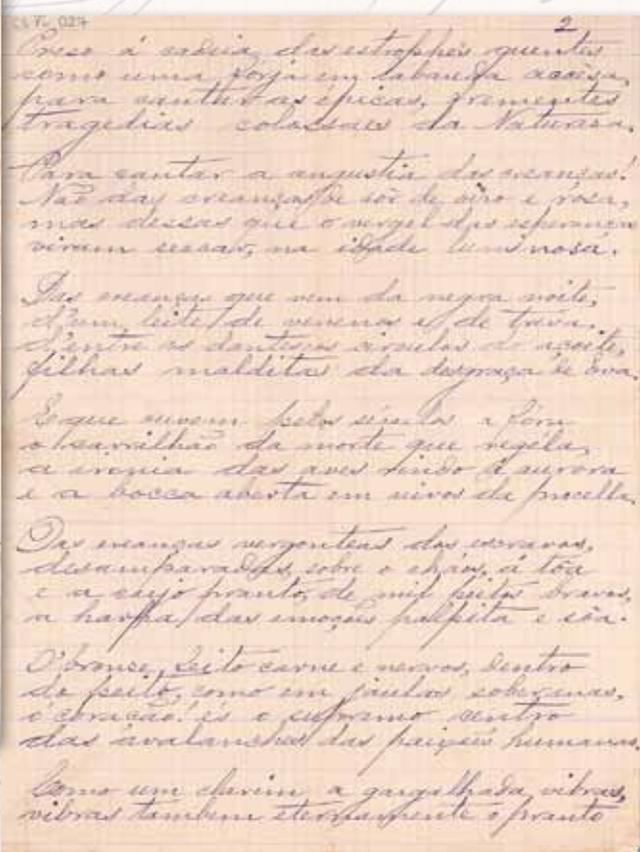
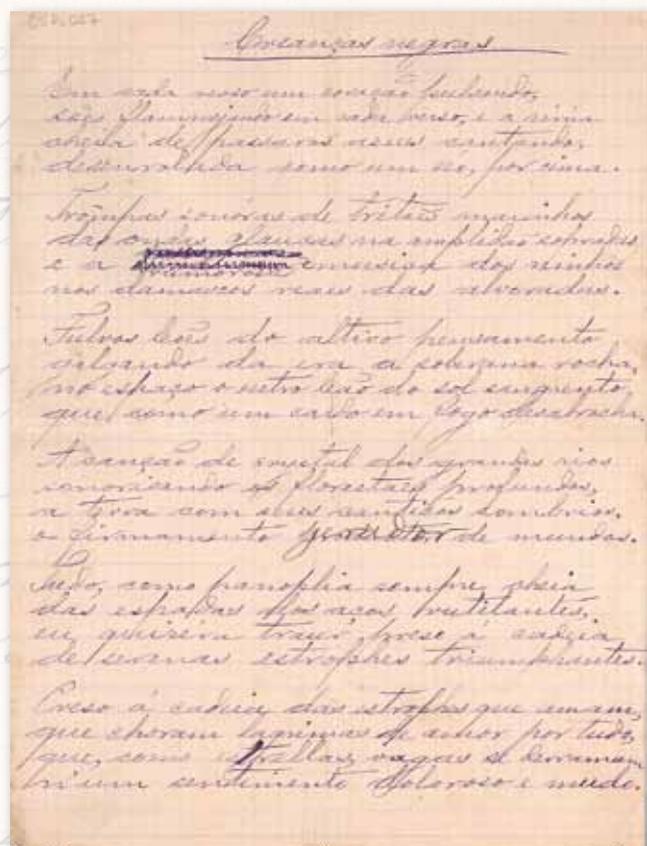
A viajante belga, Mme. van Langendonck, se depara com a escravidão, prática contra a qual reagira e até escrevera, na Europa, mas no Brasil, ao conviver com essa realidade, deixa transparecer os mesmos preconceitos dos escravocratas e demonstra ideias arraigadas de branca de classe média alta e religiosa. E em seu diário de viagem, encontramos uma certa intolerância racial ao analisar as relações entre homens e mulheres negros da perspectiva de sua classe, não conseguindo vê-los de outra maneira.

PIONEIRO DO PROTESTO NEGRO

Depois de Maria Firmina e sua pioneira voz de resistência (seu romance “Úrsula” é de 1859), devemos registrar o grande poeta negro, revoltado e resistente, que foi o catarinense Cruz e Sousa. Tanto um quanto outro lançam apaixonados libelos. A escritora, pela voz dos oprimidos como Mãe Susana e Túlio. Já Cruz e Sousa, em sua poesia, em sua narrativa ou texto sobre o abolicionismo, fala de si próprio. A escritora, porém, não ousa incluir uma personagem principal como negra, enquanto o poeta, sob o manto da poesia, luta contra o racismo de maneira contínua e forte.

Na literatura negra pioneira, literatura de testemunho, não há primordialmente preocupação com o estético. Por isso, muitos desses textos ficaram esquecidos e negligenciados, pois trazem em alto grau um tom de agravo pessoal frente às inúmeras injustiças que sofreram. São textos que traduzem uma experiência de marginalização e exclusão social e, ao estudá-los, devemos ter sempre em mente essas razões profundas para não julgá-los pelo estilo, pela preocupação estética: são os textos primeiros, os desbravadores.

Apesar de o estudioso inglês David Brookshaw propor o nome de Luiz Gama e de Lima Barreto como iniciadores de uma literatura de protesto negro, no Brasil, o verdadeiro iniciador dessa literatura foi Cruz e Sousa. Para verificar que Cruz e Sousa foi paradoxalmente simbolista e escritor engajado na luta pela abolição, basta ler seus textos abolicionistas. (vide página 4 desta edição) A maioria deles é da produção juvenil, de antes da abolição, no “calor da hora”. Cruz e Sousa, ao organizar



sua obra para publicação, elimina-os, considerando-os superados, visto já terem acontecido a Abolição e a República. No entanto, é estranho, e mesmo surpreendente, que Cruz e Sousa tenha deixado de incluir, em livro, peças de grande valor literário, e que não eram documentos, tais como o poema “Crianças negras” e o texto em prosa “Consciência tranquila”.

Neste último é notável o sentimento de ódio, que aparece com singular veemência. É um texto de ficção, que apresenta também grande dramaticidade. Não esqueçamos que Cruz e Sousa foi “ponto” [indivíduo que, oculto no palco, dava indicações aos atores em cena] de uma companhia de teatro. Isso vai transparecer aqui, pois há nesse texto muito da carpintaria teatral, com indicações dos movimentos cênicos, diálogo e um longo monólogo de tom francamente teatral. O senhor de escravos agoniza, rodeado de parentes e interesseiros. Há lamentos vagos e hipócritas. E, entre esses sussurros, ergue-se uma tremenda voz que evoca atrocidades, mescladas a uma luxúria feroz. Segundo Andrade Muricy, “é uma página shakespeariana a sugerir uma espécie de ‘Rei Lear’ do crime no último grau de abjeção, do absoluto do mal”. A voz é a do agonizante que, na hora da morte, tem um assomo de forças e faz uma espécie de confissão às avessas (uma anticonfissão?), pois não pede perdão de nada e não há nela nenhum arrependimento. Só o vemos deplorar o passado por já ser passado e não poder recomeçar seus crimes, tudo refazer. Há muito de sadismo no texto e aquela atmosfera lúgubre finissecu-

lar. As mulheres negras são violadas, estupradas, assassinadas; as grávidas, torturadas e mortas com seus fetos. E, por todo o texto, o *leit-motiv* do ouro que a tudo e a todos compraria!

A ler as torturas infundidas aos negros escravos, o texto aparece-nos como o mais forte libelo literário já escrito no Brasil contra a escravidão. Negros enforcados, torturados, queimados em fornos em brasa (a lembrar o holocausto judaico), arrastados, violados (a lembrar as torturas no Brasil de 1964), envenenados, degolados... Até hoje, com mais de 120 anos de Abolição, o texto de Cruz e Sousa conserva uma força candente e viva. Tal como em outros textos do poeta – poemas, por exemplo –, este tem também uma construção em crescendo. Inicia-se com um ritmo mais lento e vai aumentando de força expressiva usando dos recursos tão empregados por Cruz e Sousa, que são os de reiteração de sons (aliterações), de palavras, de imagens. O ritmo vai-se acelerando,

sobretudo quando explora o tema do terror. Ao final, termina com a figura da ironia. Com esse final tranquilo, depois do vendaval de acusações e lembranças, a serenidade da hora da morte da personagem. A última frase diz: “... o ilustre, homem rico, o abastado e poderoso senhor de escravos expirou com a sua consciência tranquila, completamente tranquila”.

Também em muitos outros textos, como em “Emparedado”, de “Evoções”, salienta-se uma nota abolicionista, pois neles a revolta está presente: a revolta do homem negro face às injustiças da sociedade branca. Cruz e Sousa, filho de escravos, não conheceu a escravidão da senzala, mas viveu-a intensamente, seja no pequeno burgo de Desterro, vendo os escravos e conhecendo a vida dos pais (o pai foi alforriado quando Cruz tinha quatro anos), seja em sua vida mais tarde.

Na realidade, a Abolição não aboliu os senhores e os escravos. Só aparentemente eles ficaram livres. Cruz e Sou-

sa, homem livre, viveu as contradições dessa abolição que, renegando a escravidão, não deu condições de vida aos ex-escravos ou a filhos destes.

Cruz e Sousa viveu e morreu na miséria. Essas contradições vão se refletir na obra do poeta que, aspirando ao transcendente, como em geral os simbolistas, não deixa de ligar-se a aspectos e lutas sociais. Muito antes de qualquer movimento de negritude, de reivindicação da beleza e do valor da raça, já um brasileiro cantou, com força e lirismo invulgares, o negro. Cruz e Sousa cantou sua raça, a África, a mulher negra e já contestava, em seus textos, cheios de revolta, teorias vigentes na época, as quais consideravam a raça negra incapaz de “desenvolver altos níveis de pensamento lógico”. Seu testemunho ecoa até hoje na literatura. ■

texto | zahide lupinacci muzart
é pós-doutora em literatura pela École des Hautes Études en Sciences Sociales e pesquisadora do CNPQ e UFSC.

“A Abolição não aboliu os senhores e os escravos. Só aparentemente eles ficaram livres. Cruz e Sousa, homem livre, viveu as contradições dessa abolição que não deu condições de vida aos ex-escravos.”

Cruz e Sousa imaginado

SETE ARTISTAS DE SANTA CATARINA
REPRESENTAM SINESTESIAS DE CRUZ
COM ECOS DE GOYA, FUSELI, BLAKE
E DO SIMBOLISTA ODILON REDON

ILUSTRAÇÕES PRODUZIDAS PARA O LIVRO “OBRA COMPLETA”,
PUBLICADO EM 1981 PELA FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA
(ACERVO DO MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA)

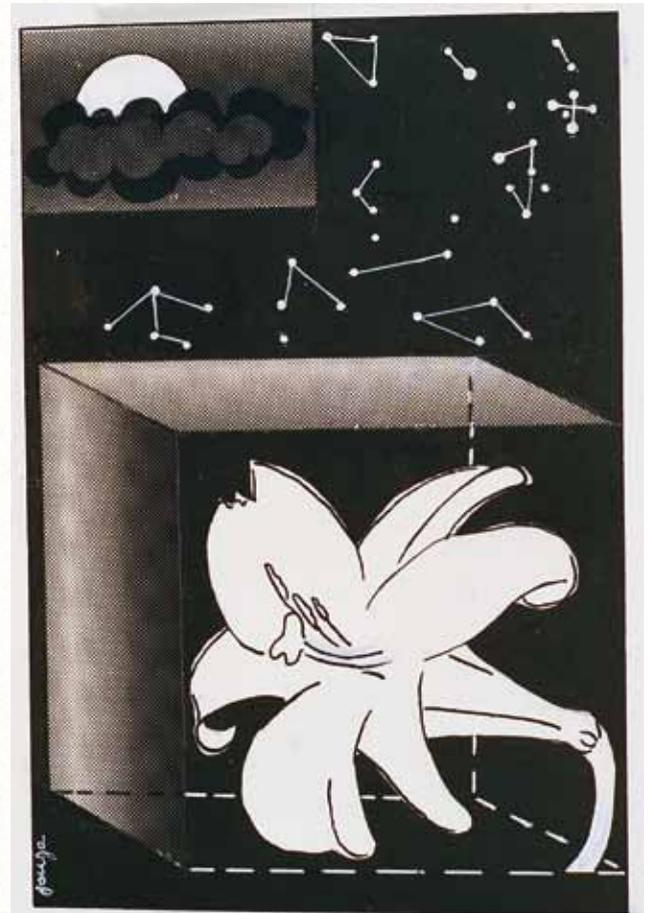


martinho de haro | lubricidade | s.d.

■ de “broquéis” (1893)

Quisera ser a serpe veludosa
Para, enroscada em múltiplos novelos,
Saltar-te aos seios de fluidez cheirosa
E babujá-los e depois mordê-los

Estrofe do poema “Lubricidade”



joão otávio neves filho (janga) | lírio astral | s.d.

■ de “faróis” (1900)

Que tudo que me é avaro
De luz vital,
Nessa hora se torne claro,
Ó lírio astral!

Estrofe do poema “Lírio astral”



rodrigo de haro | monja negra | s.d.

Ó grande Monja negra e transfiguradora,
Magia sem igual dos páramos eternos,
Quem assim te criou, selvagem Sonhadora,
Da carícia de céus e do negror d’infernos?

Estrofe do poema “Monja negra”



eli heil | vida obscura | 1981

VIDA OBSCURA

Ninguém sentiu o teu espasmo obscuro,
Ó ser humilde entre os humildes seres.
Embragado, tonto dos prazeres,
O mundo para ti foi negro e duro.

Atravessaste num silêncio escuro
A vida presa a trágicos deveres
E chegaste ao saber de altos saberes
Tornando-te mais simples e mais puro.

Ninguém te viu o sentimento inquieto,
Magoado, oculto e aterrador, secreto,
Que o coração te apunhalou no mundo.

Mas eu que sempre te segui os passos
Sei que cruz infernal prendeu-te os braços
E o teu suspiro como foi profundo!



elke hering | triunfo supremo | 1981

CAVADOR DO INFINITO

Com a lâmpada do Sonho desce aflito
E sobe aos mundos mais imponderáveis,
Vai abafando as queixas implacáveis,
Da alma o profundo e soluçado grito.

Ânsias, Desejos, tudo a fogo, escrito
sente, em redor, nos astros inefáveis.
Cava nas fundas eras insondáveis
O cavador do trágico Infinito.

E quanto mais pelo Infinito cava
Mais o Infinito se transforma em lava
E o cavador se perde nas distâncias...

Alto levanta a lâmpada do Sonho,
E com seu vulto pálido e tristonho
Cava os abismos das eternas ânsias!

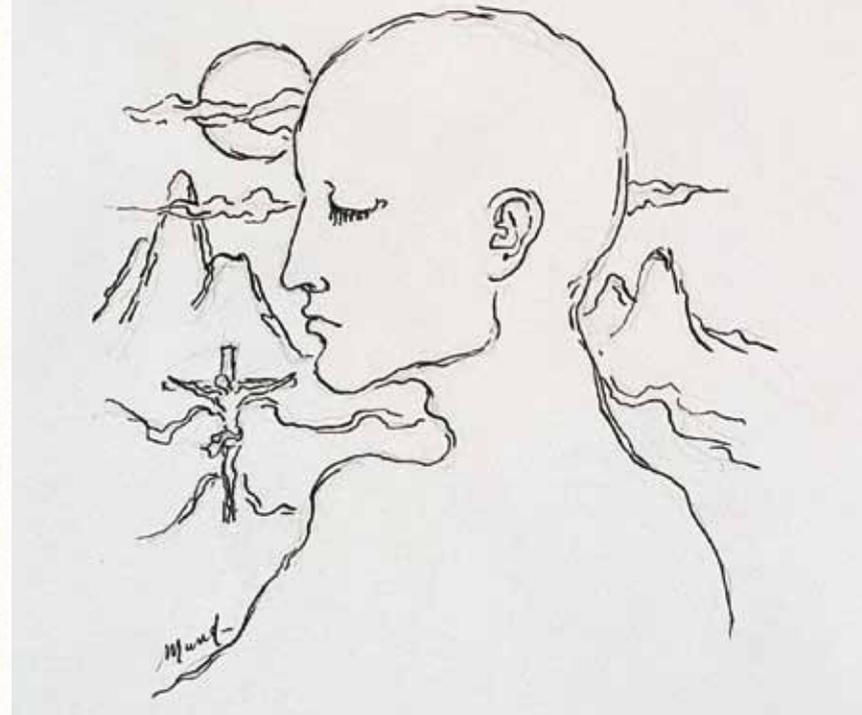
TRIUNFO SUPREMO

Quem anda pelas lágrimas perdido,
Sonâmbulo dos trágicos flagelos,
É quem deixou para sempre esquecido
O mundo e os fúteis ouropéis mais belos!

É quem ficou do mundo redimido,
Expurgado dos vícios mais singelos
E disse a tudo o adeus indefinido
E desprende-se dos carnavais anelos!

É quem entrou por todas as batalhas,
As mãos e os pés e o flanco ensanguentando,
Amortalhado em todas as mortalhas.

Quem florestas e mares foi rasgando
E entre raios, pedradas e metralhas,
Ficou gemendo, mas ficou sonhando!



hugo mund jr. | cavador do infinito | 1981

de “últimos sonetos” (1905)

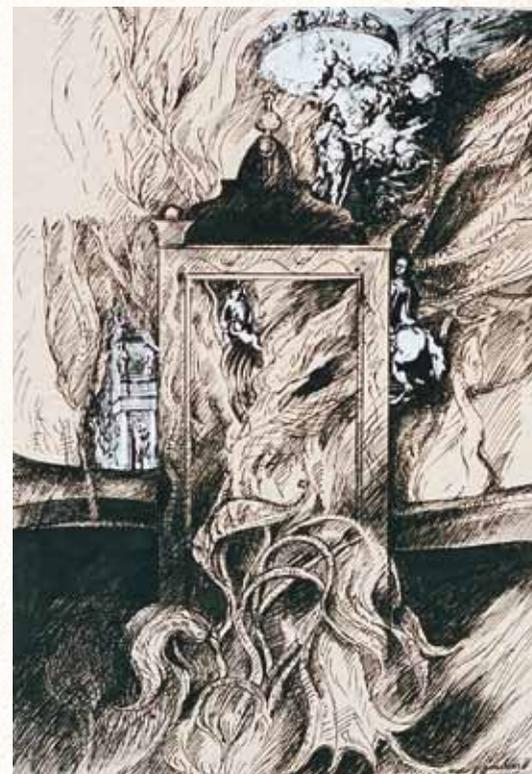
CÁRCERE DAS ALMAS

Ah! Toda a alma num cárcere anda presa,
Soluçando nas trevas, entre as grades
Do calabouço olhando imensidades,
Mares, estrelas, tardes, natureza.

Tudo se veste de uma igual grandeza
Quando a alma entre grilhões as liberdades
Sonha e, sonhando, as imortalidades
Rasga no etéreo o Espaço da Pureza.

Ó almas presas, mudas e fechadas
Nas prisões colossais e abandonadas,
Da Dor no calabouço atroz, funéreo!

Nesses silêncios solitários, graves,
que chaveiro do Céu possui as chaves
para abrir-vos as portas do Mistério?!



jandira lorenz | cárcere de almas | 1981

Reverberações simbolistas

RITMOS DA VIDA E DA RUA DÃO CARÁTER DE INSTANTÂNEO À PROSA DE “MISSAL” E “MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE JOÃO MIRAMAR”

Jefferson Agostini Mello

A historiografia literária brasileira tem dado pouca atenção às passagens do Simbolismo ao Modernismo. É verdade que alguns críticos atentaram para a vertente penumbriosa e versolibrista do Simbolismo — que chegaria a Mário de Andrade e ao Manuel Bandeira dos primeiros escritos — ou, ainda, para a reinterpretação católica dos intelectuais de “Festa” [revista que circulou em 1927 no Rio de Janeiro]. Seria o caso de buscar outras aproximações.

No plano internacional, um dos estudiosos a analisar os vínculos entre o Simbolismo e as vanguardas do século XX é Clive Scott. Em texto sobre o poema em prosa e o verso livre, publicado em “Modernismo: guia geral”, ele escreve: “muitos poetas do final do século XIX e começo do século XX queriam algo que lhes permitisse dizer enquanto avançavam, queriam que o sentido residisse no próprio processo da experiência. Daí a pressão pelo *vers libre*, e o crescente intercâmbio entre a poesia e a prosa. Buscava-se a prosa porque esta se move num ritmo de sua própria lavra, tem uma opção a cada passo, é capaz de aproveitar a coincidência, cria seu próprio ímpeto e é boa para registrar a miscelânea da vida”. Assim, o inacabamento estético mimetizaria o ritmo do pensamento e o processo da escrita, como que escancarando os bastidores da criação.

No Brasil de final do século XIX, a estética do inacabamento e a escrita instantânea aparecem nos poemas em prosa de “Missal”, de Cruz e Sousa. No seguinte fragmento de “Modos de ser”, a escrita nasce da *flânerie* campestre, imitando seja o ritmo do passeio, seja o das imagens que vêm à mente do eu, concomitantemente:

Serenidade de Campo e Mar é esta em que estou agora.

Campo fértil, verde, como se agora mesmo brotasse, em flor, da terra. [...]

E, por estar no campo, numa extensão de relva, de verdurosas alfombras, lembro-me vivamente do campo das paradas, ao sol, num espelhar faiscante de baionetas, rutilar de fardas e triunfal desfraldamento de bandeiras, quando, imensas, pesadas massas marciais, na evolução de um

corpo disciplinar, agitam-se, num tinir e cintilar de metais, como enorme serpente de coruscantes escamas. (...).

Algo semelhante se vê em “Umbra”:

Volto da rua.

Noite glacial e melancólica.

Não há nem a mais leve nitidez de aspectos [...]

Há apenas uma noite escura, cerrada, que lembra o mistério.

Faz frio...

[...]

À turva luz oscilante dos lampiões de petróleo, em linha, dando à noite lúgubres pavores de enterros, vêm-se fundas e extensas valas cavadas de fresco, onde alguns homens ásperos, rudes, com o tom soturno dos mineiros, andam colocando largos tubos de barro para o encanamento das águas da cidade.

A terra, em torno dos formidáveis ventres abertos, revolta e calcária, com imensa quantidade de pedras brutas sobrepostas, dá idéia da derrocada de terrenos abalados por bruscas convulsões subterrâneas.

Instintivamente, diante dessas enormes bocas escancaradas na treva, ali, na rigidez do solo, sentindo na espinha dorsal, como numa tecla elétrica onde se calca de repente a mão, um desconhecido tremor nervoso, que impressiona e gela, pensa-se fatalmente na Morte...

Segundo Scott, “uma das qualidades fundamentais do poema em prosa é sua capacidade de preservar sua natureza accidental, sua novidade incontrolável”. É o que fica evidente nessa escrita que finge ser no calor da hora, terminando com reticências, articulação do estilo telegráfico com os novos ritmos da vida e das ruas. E, mesmo quando o tema e os motivos tendem ao espaço provinciano ou à natureza, não é pequena a tentação do eu poético em captar o instantâneo. Em “A janela”, de “Missal”, o olhar passeia pelo espaço, englobando-o voluptuosamente:

Dava para o mar a larga janela verde, em frente às águas também verdes e turbilhonantes às vezes, outras limpidamente quietas, num remanso de golfo sereno.

Velas saudosas de navios, enfunadas ao impulso das correntes aéreas;

mastreações caprichosas e confusas, misteriosamente interrogando o céu; os montes, ao fundo, formando panoramas álcres com os seus cabeços azulados e colossais, e a grandeza olímpica das ondas fechadas pela natureza numa extensa área de terreno, tudo gozava e sentia além viver a janela (...).

Aqui, o eu poético não consegue se deter em um só trecho da paisagem e a pontuação separa imagens em sequência que são rearticuladas pela leitura. Seguindo pistas de Clive Scott, está-se próximo tanto da poética rimbaldiana quanto da modernista: “a prosa notacional a que tantas vezes recorre Rimbaud, como fazem outros poetas em prosa, é uma tentativa de reduzir o tempo ficcional, sintático, entre agora (e) agora, de fazer uma prosa reiteradamente instantânea. Mesmo suas frases mais longas não são tanto prolongamentos artificiais do tempo na descrição, mas sim um desfilar contínuo de imagens que se aglutinam”.

Seria o caso de comparar brevemente os seguintes fragmentos, um de Oswald de Andrade (fragmento 28 das “Memórias sentimentais de João Miramar”) e outro de Cruz e Sousa (“Navios”, de “Missal”) para ver relações entre a técnica do poema em prosa ensaiada pelo simbolista e o estilo telegráfico do escritor modernista:

1. Barracões de zinco das docas retas no sol pregaram-me como um rótulo no bulício de carregadores e curiosos pois o Marta largaria só noite tropical. A tarde mergulhava de altura na palidez canalizada por trampolins de colinas e um forte velho. E brutos carregavam o navio sob sacos em fila. Marinheiros dos porões fecharam os mastros guindastes e calmos oficiais lembrando ombros retardatários. A barriga tesa da escada exteriorizou os lentos visitantes para ficar suspensa ao longo dos marujos louros. Grupos apinharam o cais parado.

2. Praia clara, em faixa espelhada ao sol, de fina areia úmida e miúda de cômodo. Brancuras de luz da manhã prateiam as águas quietas, e, à tarde, coloridos vivos de ocaso as matizam de tintas rútilas, flavas, como uma palheta de íris. Navios balanceados num ritmo leve flutuam nas vítreas ondas virgens, com

o inefável aspecto das longas viagens, dos climas consoladores e meigos, sob a candente chama dos trópicos ou sob a fulguração das neves do Pólo. Alguns deles, na alegre perspectiva marinha, rizam matinalmente as velas e partem — mares a fora — visões aquáticas de panos, mastros e vergas, sobre o líquido trilho esmaltado das espumas, em busca, longe, dos ignotos destinos...

Para além da temática similar, chamam a atenção, nos dois fragmentos, a ênfase no visual e a mobilidade do olhar, indo do geral ao específico, do mais próximo ao mais distante, e se detendo em pontos mínimos dos cenários, onde se descortina o instante poético. É verdade que há mais estranhamento na prosa oswaldiana, talvez por conta dos períodos mais curtos, das inversões sintáticas, da imagem metonímica (a coisa no lugar dos seus transportadores) dos sacos em fila, ou da animalização da escada, com sua barriga tesa. A prosa notacional de Cruz e Sousa é, assim, radicalizada por Oswald de Andrade, que corta os adjetivos, ainda abundantes em Cruz e Sousa, demonstrando que o ritmo dos tempos é diferente, bem mais acelerado. Não que no poema em prosa simbolista não se percebam metonímias (panos, mastros e vergas), e outros instantâneos, em que o efeito importa mais que a causa e a cultura que a natureza (o trilho esmaltado; o espelhado; a paleta de cores).

Há mais uma diferença entre os dois textos: a aparente ausência do eu poético em “Navios”, que no entanto existe. Essa característica dúplice, de dentro e fora, que, aliás, se conecta à janela, ou ao espelho, é uma das marcas da modernidade, de impasse entre sujeito e objeto, autor e leitor, poema e prosa, poético e prosaico, que o Simbolismo inaugura. Como se sabe, “Memórias sentimentais de João Miramar” tem um narrador em primeira pessoa, mas que, de tão absorvido pelo que vê, às vezes também se esquece de si, aparentemente anotando miudezas, a bordo com Cruz e Sousa. ■

texto | jefferson mello

é professor de Literatura da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (USP) e autor do ensaio “Um poeta simbolista na República Velha” (EdUFSC, 2008).

Na arrebatada confusão do mundo

A ANARQUIA MODERADA DA LINGUAGEM DE “EVOCAÇÕES”
TRADUZ A CONSCIÊNCIA MUTANTE DO HOMEM MODERNO

Carlos Felipe Moisés

A tônica dominante de “Evoações” (1898) é a radical incompatibilidade entre o indivíduo que sonha (quer o sonho se volte para o Amor ou para a Arte, ou para ambos) e o mundo em redor. É marcante, também, a presença centralizadora da primeira pessoa do singular, a voz de um sujeito que é, ao mesmo tempo, caixa de ressonância do mundo real e foco gerador de algum outro mundo, alternativo, que vem a ser esse mesmo mundo aí fora, já agora transfigurado pela subjetividade que constrói e desconstrói a visão em causa.

Cruz e Sousa retoma, assim, o velho topos do Eu oposto ao Mundo, para expressar a sua radical execração do tempo presente, não para contrastá-lo, como faziam os antigos, com a perfeição de um passado edênico, menos ainda com a glória de um futuro redentor, mas para asseverar que a perversão do mundo atual é só a antecâmara de mais degradação.

“Arrependo-me do irremediável pecado ou do crime sinistro de ver, sonhar, pensar e sentir um pouco”, ele se lamenta, fornecendo-nos o *leitmotiv* do livro: a consciência do homem que vivencia, em toda a extensão, a sua condição de desterrado, de desenraizado, e por isso se dispõe, deliberadamente, a imolar a própria alma nessa espécie de rito sacrificial em que se transforma a atividade poética, outrora reduto sagrado, agora profanado pelo embate

dos contrários inconciliáveis ou pelo estigma da destruição e da autodestruição.

Nosso poeta segue os passos de Baudelaire, Villiers de l’Isle-Adam, Huysmans, Rimbaud, Verlaine e tantos outros, toda uma geração de escritores, pensadores e artistas “malditos” do final do século XIX, que comungam do mesmo sentimento de mundo em colapso, sem saída. Mas esse mesmo período assinala também a jactância do homem moderno, pragmático e utilitarista, orgulhoso do espetacular avanço científico e do poderio econômico do seu tempo, das mirabolantes proezas tecnológicas de que a Exposição de Paris, em 1900, dará

a prova incontestável. De um lado, as ruínas de um mundo decadente, sem remissão; de outro, a glória do progresso rolo-compressor, que nada será capaz de deter. Dessa bipolaridade radical brota a forma literária híbrida, que nos habituamos a chamar “poesia em prosa”.

A prosa das “Evoações” é “poética” porque seus ritmos são determinados pelas aliterações, as rimas internas, as repetições, os paralelismos, as abundantes enumerações, a aliciante e livre musicalidade próxima da elocução (para não dizer da arfante respiração do sujeito que nos fala), e não pelo encaideamento lógico-sintático das frases e dos períodos. Como não há enredo nem

pla liberdade de criação. O novo gênero atende a esse propósito, como que a preparar terreno para a explosão libertária das vanguardas do início do século XX.

Cruz e Sousa estava a caminho e teria chegado lá, não fosse a morte precoce. Nas “Evoações”, sua anarquia, ainda moderada, consiste em abusar das enumerações, o recurso estilístico predileto da coletânea, empregado em quase todas as suas páginas. Não há, no livro todo, um só substantivo que não venha acompanhado de pelo menos dois ou três atributos (em muitos casos, seis, sete ou mais); não há circunstância ou aspecto, nominal ou verbal, que não se multiplique numa série de alternativas

não excludentes. Mas não é mero ornamento retórico, nem hesitação ou titubeio. É manifestação direta da consciência que sabe: nada é o que aparenta ser. Por trás do que cada palavra é capaz de apreender, sempre se esconde algo mais essencial, que escapa, e continuará escapando, por maior que seja o continuado esforço do sujeito no seu encaicho. O procedimento enumerativo, no caso, representa a luta contra o inapreensível de todas as coisas.

Daí resulta um ritmo fogoso, por vezes atropelado, que expressa a crescente exaltação interior, metafísica, do sujeito que sabe estar muito próximo de algo extraordinário e, apesar de desconfiar que não chegará a atingi-lo, não desiste. É que o âmago essencial de todas as coisas não é um estático “em

si”, em estado de repouso aí fora, à espera de ser apreendido, mas é uma dimensão superior de sentido, que cresce e se multiplica, à medida que o sujeito se aproxima e avança, tentando tomá-lo “para si” — imagem forte da consciência mutante do homem moderno, uma das marcas da atualidade de Cruz e Sousa, em especial a atualidade da sua prosa poética. ■

texto | carlos felipe moisés

vive em São Paulo. É poeta, crítico e tradutor de “Retratos de pintores e músicos”, poemas de Marcel Proust. Publicou em 2008 o poemário “Noite nula”.



josé d'ávila | antifona | s.d.

propriamente personagens, o livro não nos oferece a representação de nenhuma realidade espaço-temporal, histórica e geograficamente situável. O lugar ocupado pelas “Evoações” é o espaço vazio, mas ao mesmo tempo densamente povoado, de uma consciência que se entrega por inteiro à vertigem das suas elucubrações.

Híbrida, bipolar, a prosa das “Evoações” aposta em certa anarquia de linguagem e na dubiedade do gênero. Nas últimas décadas do século XIX, a ideia que desponta é de que, em poesia, era preciso “anarquizar” as formas fixas, a fim de conceder ao poeta a mais am-

um soneto inédito de cruz e souza*

Quente esplendor bizarro de risadas,
As fugitivas formas intangíveis
Das Ilusões, das Alegrias livres
De tigres e panteras esfaimadas.

Oásis repousante de um ocaso,
A hora desse dia era infinita.
Que sombrios idílios e delírios,
Caridoso fanal do meu passado!

Estas mãos longas que mourejam tanto,
Claras líliadas que os rios cantam,
Sonoridades de cristais e luzes.

Fremências ríspidas de Sol aberto
Ao sacrifício dos desdêns eternos,
Na arrebatada confusão do Mundo.

* Desentranhado, por Carlos Felipe Moisés, da prosa de “Evoações” (in *Obra completa*, Edição do Centenário, org. Andrade Muricy, Rio de Janeiro, José Aguilar, 1961, pp. 468-664). Para o leitor eventualmente cético, eis aqui o mapa da localização dos 14 versos (numerados de 1 a 14, entre parênteses), nessa edição. Em seguida ao número do verso, a página, o parágrafo, a linha e o título da composição: (1) 527 – 6.º – última – Sensibilidade / (2) 507 – 5.º – 6.ª – O Sono / (3) 500 – último – 2.ª – Condenado à morte / (4) 529 – 5.º – 3.ª e 4.ª – Sensibilidade // (5) 637 – 2.º – 6.ª – Nirvanismos / (6) 637 – 2.º – 1.ª – Nirvanismos / (7) 609 – 6.º – última – Abrindo fêretros / (8) 612 – 3.ª – 5.ª – Abrindo fêretros // (9) 539 – 4.º – 6.ª e 7.ª – Asco e dor / (10) 652 – 2.º – 3.ª e 4.ª – Emparedado / (11) 605 – 5.º – última – Abrindo fêretros // (12) 529 – 4.º – pen. e últ. – Sensibilidade / (13) 528 – 4.º – penúltima – Sensibilidade / (14) 647 – 4.º – última – Emparedado.

Cruz e Sousa
especial

Escritores de um outro desterro

ILDEFONSO JUVENAL, TRAJANO MARGARIDA, JOÃO ROSA JÚNIOR E DEMERVAL CORDEIRO REPRESENTAM ASCENSÃO LITERÁRIA NEGRA NA FLORIANÓPOLIS DO INÍCIO DO SÉCULO XX

Fábio Garcia

À maioria das pessoas que leram sobre a história de Florianópolis, pode parecer estranho a existência de uma intelectualidade negra no início do século XX, para além de Cruz e Sousa e Antonieta de Barros. Ao percorrer a trajetória de vida e as obras de quatro intelectuais negros — Ildefonso Juvenal da Silva, Trajano Margarida, João Rosa Júnior e Demerval Cordeiro —, entre os anos de 1914 e 1930, descortinamos um cenário social muito diferente daquele traçado pelos historiadores considerados clássicos.

Em fins do século XIX, a pequena cidade de Desterro (atual Florianópolis) abrigava uma população de aproximadamente 11.091 indivíduos. Desses, 26% estavam sob o regime da escravidão. Os novos rumos na política nacional impulsionavam as transformações locais, a tal ponto que, em 1888, quando da assinatura da Lei Áurea, já não mais havia cativos em Santa Catarina (ao menos legalmente). Bairros como Figueira, Toca, Menino Deus, Tronqueira e Pedreira abrigavam uma população diversificada, composta por marinheiros, meretrizes, lavadeiras, estivadores, pescadores, militares e pobres em geral.

O negro, nessa perspectiva social, possui intensa participação na vida política e cultural não só na capital, mas também em outros municípios catarinenses. Mas quem foram Ildefonso Juvenal da Silva, Trajano Margarida, João Rosa Júnior e Demerval Cordeiro?



ILDEFONSO JUVENAL DA SILVA

Ildefonso Juvenal, como é conhecido, figurou ao longo do século XX como o principal articulador de setores da população negra. Nasceu em 1894; foi aprendiz de marinheiro, atuando no jornal “O Marujo”. Em 1914, organizou a Associação dos Homens de Cor juntamente com Trajano Margarida, Aguiém Conceição e Astrogildo Campos. Em 1915, organizou o jornal literário “Folha Rósea”, além de ter participado na reedição do jornal “O Estado”. Publicou em diversos jornais locais e dos estados do Rio Grande do Sul e do Paraná. Sua obra é eclética, sendo composta por poemas, prosas, teatro, história, discursos, educação e saúde. Ildefonso Juvenal se destacou também na área militar ao ser o responsável pela organização do setor farmacêutico da Polícia Militar, onde chegou ao posto de major — dá nome à medalha de honra ao mérito intelectual concedida ao 1.º colocado no Curso de Formação de Oficiais (CFO). Juvenal faleceu em 1965, após um ataque anafilático.

“No dia de hoje, que relembra a mais bela das conquistas humanas em terras do Brasil, que pode, felizmente, ocupar lugar de honra no conceito das nações civilizadas, prestemos um sincero preito de veneração e justiça aos militantes da tão alevantada e dignificante campanha abolicionista, à memória saudosa da excelsa princesa Isabel, augusta signatária da lei de liberdade da raça, e aos elementos representativos da raça negra no Brasil, incitando-os a se ufanarem dos feitos grandiloquentes dos seus antepassados, ao aperfeiçoamento, no sentido de se manterem no mesmo nível de cultura e civilização do homem branco e a nutrir sempre o maior orgulho de serem pretos, por que uma raça que tem tido tantos vultos nobres a dignificá-la, só poderá orgulhar os elementos que a ela pertencem.”

(Trecho do artigo “O negro na voz imparcial da História”, do livro “Páginas singelas”, 1929).



TRAJANO MARGARIDA

O Poeta do Povo, como era conhecido, Trajano Margarida nasceu em Florianópolis em 1889. Autor de grande reconhecimento popular, publicou diversos poemas, principalmente em jornais e livros. Suas composições faziam grande sucesso entre os leitores. Com o poema “A pátria e o sorteado”, realizou, em 1916, turnê em vários municípios catarinenses. Quando apresentou ao público o seu primeiro livro “O natal do orfãozinho ou o presente para Jesus”, em 1914, destinou a arrecadação financeira para a Caixa de Abrigo para Menores Carentes. Tinha então vinte e cinco anos. Publicou os livros “A culpa dos pais” (1915), “A Pátria e o sorteado” (1916), “A fome e seca no Ceará” (1919), “Minha terra” (1926), “Carnaval de Florianópolis: canções carnavalescas” (1930), “Brack poemento” (1936) e “Nelson” (1943).

Trajano Margarida foi funcionário público da Secretaria do Interior e Justiça do Estado, na função de amanuense, em cuja atividade registrou manualmente documentos ou copiou-os. Participou ainda de diversas associações literárias, cívicas e esportivas, a exemplo de Associação dos Homens de Cor, em 1915; Centro Cívico e Recreativo José Boiteux, 1920; Clube de Futebol Figueirense, 1923; Centro Catarinense de Letras, 1925; e Centro Literário Luiz Delfino, 1939. Faleceu em 1946.



JOÃO ROSA JÚNIOR

Nasceu no dia dois de dezembro de 1882, no município de Tijucas. Poeta e maestro, esteve à frente das bandas musicais “Sete de Setembro”, ligada ao Clube de Tiro Alemão 226, em Jaraguá do Sul, em 1912, e dois anos mais tarde na Associação Musical de Tijucas “Perseverança”. Nessa, cria o dobrado, ainda hoje executado, “Dae a César o que é de César”, o qual possui características de dobrado de marcha e de sinfonia. No entanto, sua carreira musical é interrompida pelo fato de João Rosa ser portador do glaucoma, enfermidade que pode levar à cegueira, fato ocorrido em 1919.

Desse momento em diante, passou a ser reconhecido no meio cultural como o Poeta Cego, fazendo publicar seus versos nos jornais literários da época. Entre suas composições destacam-se os poemas “O palhaço” e “Morrer”. Sua poesia recebeu grande influência da escola simbolista de Cruz e Sousa. Seu primeiro trabalho foi “Pleitos de homenagens”, de 1924, cuja publicação dedicou ao então governador, Hercílio Luz. No ano seguinte, editou o livro “Através de tudo que é divino”, obra exigida para o ingresso no Centro Catarinense de Letras e, em 1930, publicou “Extremos”. Faleceu em 10 de outubro de 1932, sendo enterrado em Florianópolis.



DEMERVAL CORDEIRO

Tipógrafo de profissão, ingressou na antiga Força Pública na década de 1920, atuando como professor de praças analfabetos. Participou ainda da produção dos livros sobre o Centenário da Força Pública, no ano de 1934. Orador de talento, destacava-se em cerimônias cívicas e seus artigos eram publicados nos jornais locais. No ano de 1951, escreveu sobre a história do Corpo de Bombeiros de Santa Catarina.

Contrariando análises correntes, os escritores Ildefonso Juvenal, Trajano Margarida, João Rosa Júnior e Demerval Cordeiro não ficaram à margem do seu momento histórico. Apropriando-se do conhecimento formal, criaram mecanismos de ascensão negra. Ascensão que se evidenciou nas obras antigas e raras (entre livros, jornais, revistas e fotografias) reunidas no “1.º Encontro Afro-Literário”, realizado de 16 a 26 de novembro de 2011, no Museu Histórico de Santa Catarina, ocasião em que foram também comemorados o Ano Internacional das Populações Afrodescendentes; os 150 anos de Nascimento do Poeta Cruz e Sousa; os 110 anos de Nascimento de Antonieta de Barros; além das festividades do mês da consciência negra, alusivas à memória de Zumbi dos Palmares. ■

texto | Fábio Garcia

é historiador e presidente do Instituto Ênrea. Organizou, em 2011, o 1.º Encontro Afro-Brasileiro, no Museu Histórico de Santa Catarina.

Voz e contracantos

AUTOR DOS ENSAIOS DE “AO REDOR DE CRUZ E SOUSA”, IAPONAN SOARES REUNIU 28 POETAS BRASILEIROS NO LIVRO-HOMENAGEM “VOZES – POESIA CONTEMPORÂNEA CRUZ E SOUSA”, PUBLICADO EM 1998 PELO MUSEU DA POESIA MANUSCRITA. Ô CATARINA! SELECIONOU TRÊS DESSAS “EVOCAÇÕES” DE FINS DO SÉCULO XX

poema a cruz e sousa

Péricles Prade

Stravinsky penetra sua música de pássaro leve e violento

nesta noite morna em que o momento é dor.
O noturno de Florianópolis é menos noturno sem tua presença Cruz e Sousa.
Procuro-te no branco que me cerca para sentir o grito cor-angústia procurada e ouço somente o ritmo de couro de tua origem africana.

Tua dor de seda brotou no sol e na sombra e como um peixe de escamas noturnas fizestes da noite o eterno mar profundo.
Ó negro profeta, a espada branca cortou o dragão em tua pele.
Sei que no teu interior de neve o segredo da abertura do infinito mostra-se puro como o símbolo.
(Símbolo do fruto-angústia que floresceu no escuro).

Há no interior das coisas a flor que plantastes para o mundo.
Flor enorme com pétalas de abismos que se desmancham na procura do nada e de tudo.
Flor terrivelmente flor sempre flor noturna que nasceu contigo.

um poeta

Rodrigo de Haro

Inevitável. Cisne Negro o chamaram, mal silenciara. Estavam

livres agora para os ritos todos, as homenagens tardias, o piedoso arrependimento. Descubriam com algum atraso num jornal da metrópole o pequeno necrológio. A ilha o perdera. Sim, afinal,

seu desaparecimento fora uma perda. Grande perda! – Corrigiam aqueles que há bem pouco o desprezavam,

o janota preto filho de gente forra. Fragmentos de versos ex-cêntricos acorriam à memória de todos. Era preciso fazer alguma coisa.

Talvez um monumento.
– Sim! Um belo monumento!

crúz e sousa

Cleber Teixeira

Ainda no Rio onde nasci num bairro a meia légua do Encantado (seu Desterro carioca), li sua poesia e “estive” com você na biblioteca do nosso amigo comum, Andrade Muricy

Setenta e nove anos depois da sua morte cheguei ao seu / meu Desterro e tentei encontrá-lo nas velhas ruas da cidade.

Não o encontrei.

Suspeitei de imediato que Andrade Muricy, por excesso de amor e zelo, o tivesse enclausurado na biblioteca do Cosme Velho. (Como se não bastasse ser o bairro de Machado de Assis, o Cosme Velho foi também o de Muricy).

Deixei o tempo passar.

Ele passou, poeta (como faz desde o dia inaugural), a cidade (a sua cidade) mudou tanto que até mesmo você teria dificuldade de reconhecê-la.

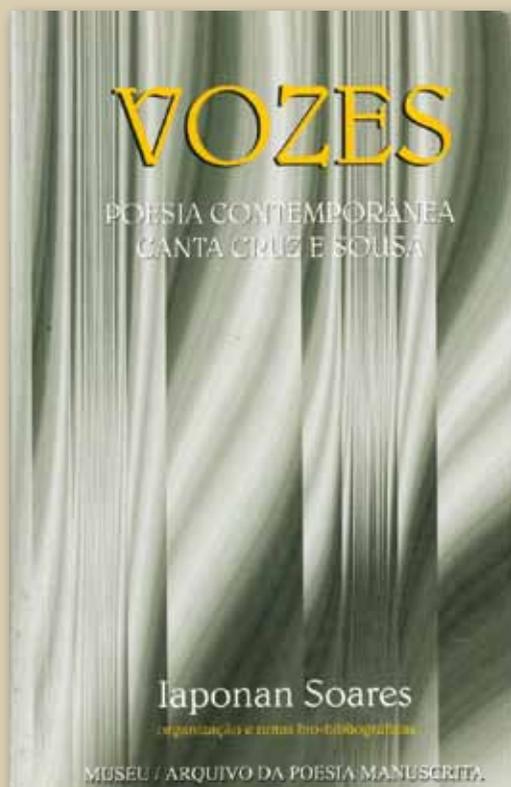
Eu, apesar do empenho, devo admitir que não o encontrei na sua Desterro.

Em uma das minhas viagens ao Rio tentei encontrá-lo por lá: caminhei pelas ruas do Encantado, tão íntimas dos seus e dos meus pés, e cheguei a pensar em invadir a biblioteca do Muricy. Resisti porque achei que você lá esteve preso, deve ter saído com a Flora Sussekind e o Júlio Castagnon quando a biblioteca foi para a Casa de Rui Barbosa.

Não tenho certeza de que voltamos juntos ao Desterro depois desta minha viagem, mas não tenho dúvida de que o reencontrei.

Você deve ter vindo visitar-me, perdido / distraído dentro da pasta onde o Iaponan Soares esconde os livros raros e eu, desejando retomar nosso diálogo iniciado na casa do Muricy no início dos anos 70, pedi que você ficasse para me ensinar a escrever sonetos e a compô-los tipograficamente.

■ Acho que foi isso.



VOZES – POESIA CONTEMPORÂNEA CANTA CRUZ E SOUSA

ORGANIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO |

Iaponan Soares

EDIÇÃO |

Museu/Arquivo da Poesia Manuscrita, 1998

N.º DE PÁGINAS |

104

POETAS PARTICIPANTES |

Alcides Buss, Alphonsus de Guimaraens Filho, Antônio Carlos Secchin, Artur da Távola, Cláudio Murilo Leal, Cleber Teixeira, Dennis Radünz, Dimas Macedo, Domicio Proença Filho, Gilberto Mendonça Teles, Ivo Barroso, Jayro Schmidt, Lara de Lemos, Leonor Scliar-Cabral, Lindolf Bell, Majela Colares, Maria Carpi, Neide Archanjo, Oliveira Silveira, Paulo Roberto do Carmo, Pedro Garcia, Péricles Prade, Reynaldo Valinho Alvarez, Rodrigo de Haro, Ronald Augusto, Virgílio Maia e, em anexo, Ernani Rosas (1886-1955) e Oscar Rosas (1862-1925)

Indicações

PARA DESVELAR A VOZ DE JOÃO

Ô Catarina! preparou, entre a vasta produção disponível, uma amostragem das mais acessíveis superfícies de contato com a arte do autor de “Emparedado”.

■ texto integral



OBRA COMPLETA

ACL/Avenida, 2008.

Com organização e estudo introdutório de Lauro Junkes, esta edição inclui poemas que ampliam as edições da “Poesia completa” – organizada por Zahide Muzart, em 1993 – e da “Obra completa” – reunida por Andrade Muricy e atualizada por Alexei Bueno, em 1995. Textos descobertos por Uelinton Farias Alves, Iapanan Soares e Zilma Gesser Nunes tornam esses dois volumes o mais completo registro dos textos de Cruz e Sousa.

■ texto em-linha

PORTAL CATARINA

Desenvolvido pelo Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística da UFSC (Nupill), o portal “Literatura digital” inclui na sua base de dados o “Portal Catarina”, que dispõe para download dezenas de originais de Cruz e Sousa (de rascunhos de prosa e poesia a correspondência pessoal). Os manuscritos dos poemas “Arte” e “Rosa negra” e do conto “Consciência tranquila” podem ser acessados em <www.literaturabrasileira.ufsc.br>.

■ textos de referência

O SIMBOLISMO

Anna Balakian. Tradução de José Bonifácio
Editora Perspectiva, 2007.

ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

Roger Bastide
Editora Perspectiva, 1983.

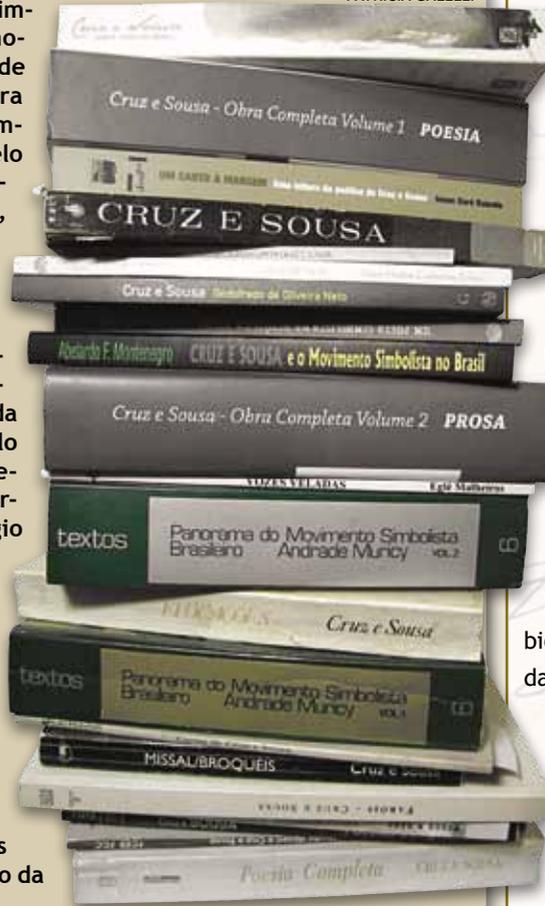
PANORAMA DO MOVIMENTO SIMBOLISTA BRASILEIRO

Andrade Muricy
(2 volumes). Editora Perspectiva, 1987.

■ pesquisa – primeiros modernistas

O trânsito entre as poéticas simbolista e parnasiana e a poesia modernista de vanguarda é o objeto de “Pervivências” na poesia brasileira – Os primeiros modernos: os simbolistas”, pesquisa financiada pelo CNPq e coordenada pela professora pesquisadora Susana Scramim, no âmbito do Núcleo de Estudos Literários e Culturais (Nelic) da Universidade Federal de Santa Catarina. Iniciada em março de 2009, com data de conclusão prevista para março de 2013, a investigação propõe a leitura crítica da produção decadentista do século XIX e da modernista como “espelhamento”, identificando seus perentamentos mútuos. No estágio atual da pesquisa, procura-se localizar o trânsito simbolista/modernista na comparação entre a obra de Cruz e Sousa e os textos de Rúben Darío e Leopoldo Lugones e, também, as relações do poeta do Desterro com o Simbolismo e o Modernismo brasileiros. Uma nova recepção de Cruz que pode inscrevê-lo nas leituras críticas das vanguardas latino-americanas da região do Rio da Prata. Uma nova “pervivência”.

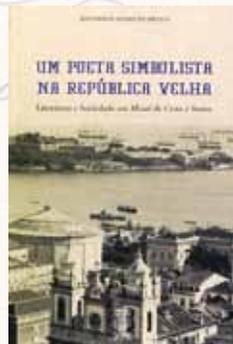
PATRICIA GALELLI



■ estudos recentes

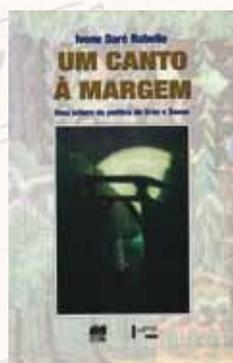
UM POETA SIMBOLISTA NA REPÚBLICA VELHA: Literatura e sociedade em “Missal” de Cruz e Sousa

Jefferson Agostini Mello
Editora da UFSC, 2008.



UM CANTO À MARGEM: Uma leitura da poética de Cruz e Sousa

Ivone Daré Rabello
Editora Nankin/Edusp, 2006.



■ lançamentos

CRUZ E SOUSA – INTERPRETAÇÕES

Organização de Salim Miguel
2.ª edição.
Editora Unisul, 2011.

Publicado originariamente no centenário de nascimento do poeta (1961), “Interpretações” reúne artigos de Othon D’Eça, Aníbal Nunes Pires, Eglê Malheiros, Osvaldo Ferreira de Melo Filho, Henrique da Silva Fontes, Nereu Corrêa e Martinho Callado Júnior e serve de registro histórico da recepção do poeta em Santa Catarina.



CRUZ E SOUSA – ÚLTIMOS SONETOS

Editora da UFSC, 2011.

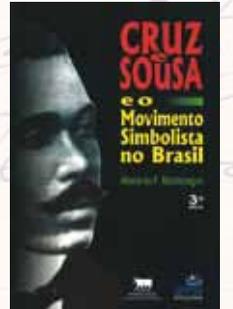
CRUZ E SOUSA – POEMAS

Seleção de Eglê Malheiros
2.ª edição. Editora Unisul, 2011.

■ vida

CRUZ E SOUSA E O MOVIMENTO SIMBOLISTA NO BRASIL

Abelardo F. Montenegro
Universidade Federal do Ceará/
Fundação Franklin Cascaes, 1998.
Publicado



originariamente em 1954, esse livro pioneiro do sociólogo cearense Abelardo Montenegro – que pesquisou em Santa Catarina a vida e a obra do poeta de 1939 a 1942 – situa-se entre o ensaio, a biografia e a dedução e defende a tese da ascensão social pela arte.

POESIA E VIDA DE CRUZ E SOUSA

Raimundo Magalhães Júnior
1.ª ed. – Américas, 1961.
2.ª ed. – Lisa/MEC, 1972. 3.ª ed. – Civilização Brasileira, 1975.

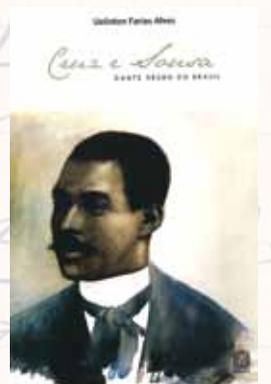
Dramaturgo, jornalista, dicionarista e autor de ensaios sobre Machado de Assis, Augusto dos Anjos e João do Rio, entre outros, o polígrafo cearense produziu um estudo biográfico que incorre em erros, mas que permaneceu como referência para as sucessivas biografias.

CRUZ E SOUSA: o negro branco

Paulo Leminski (1983)
Editora Brasiliense, 2003.

CRUZ E SOUSA: Dante negro do Brasil

Uelinton Farias Alves
Pallas, 2008.



CRUZ E SOUSA: o poeta alforriado

Godofredo de Oliveira Neto
Garamond, 2010.

CRUZ E SOUSA

Paola Prandini
Coleção Retratos do Brasil Negro.
Selo Negro, 2011.

Comemorações

NASCIDO HÁ 150 ANOS

principais ações da Fundação Catarinense de Cultura

POEMAS GRATUITOS

A FCC está distribuindo, por meio do Sistema Estadual de Bibliotecas e em parcerias com Pontos de Cultura e entidades locais, 70 mil exemplares do livro “Cruz e Sousa Simbolista” (2008) — incluindo texto integral de “Broquéis”, “Faróis” e “Últimos sonetos” —, com estudo introdutório de Lauro Junkes. A parceria na realização do Simpósio Cruz e Sousa, iniciativa da Academia Catarinense de Letras, foi a principal ação da FCC nas comemorações dos 150 anos. (ver página 3 de Ô Catarina!)



TERMINAIS URBANOS

O projeto “Lendo Cruz e Sousa” promove a leitura de atores catarinenses em terminais de ônibus urbanos de dez cidades, com distribuição de 120 exemplares de livros do poeta em cada apresentação: 6 terminais urbanos de Florianópolis em novembro de 2011; 6 terminais de Joinville e Itajaí em março de 2012; 4 terminais de Araranguá e Criciúma em maio; 2 terminais de coletivos urbanos de Blumenau em junho; 3 terminais de Caçador e Curitiba em agosto; 3 terminais de ônibus urbanos de Chapecó e Lages em outubro de 2012.

O POETA, OS POETAS

A FCC lançará em novembro de 2012 o CD “50 vezes Cruz e Sousa”, organizado por Marco Vasques, reunindo leituras de poemas por 50 escritores catarinenses. O CD terá distribuição gratuita na rede pública de ensino e permitirá a fruição de deficientes visuais e de pessoas não alfabetizadas.

OUTRO LUGAR NA WEB

A obra completa de Cruz e Sousa deve estar disponível no sítio eletrônico da FCC, com seções dedicadas à poesia, prosa, biografia, bibliografia e estudos monográficos. A pesquisa terá a colaboração de intelectuais da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

RESTAURO DA MORADA

A FCC prepara processo licitatório para o restauro do Museu Histórico de Santa Catarina, incluindo-se o Memorial Cruz e Sousa, situado no jardim, que deve ter sanados os problemas de estrutura, reabrindo em 2012 à visitação do público e à apresentação de artistas. ■



DIEGO OJEDA

“EVOCAÇÕES” Espetáculo de poesia da atriz Luiza Lorenz estreou no Teatro El Astrolabio, espaço da Cia. Teatral Periplo em Buenos Aires, e teve apresentações especiais no Sesc Prainha, no dia 24 de novembro de 2011, e no Museu Histórico de Santa Catarina, no dia 26, integrando a 1.ª Maratona Cultural. O antigo “ponto de teatro” João da Cruz e Sousa voltou, pelas próprias palavras, ao palco.

■ cruz e sousa do desterro

A sessão solene realizada no dia 24 de outubro de 2011, na Casa José Boiteux, sede da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, marcou o início das comemorações locais alusivas ao nascimento de Cruz e Sousa, com uma série de ações coordenadas pelo Grupo de Articulação Cruz e Sousa do Desterro:

PENSAMENTO — A escritora Eglê Malheiros e a pesquisadora Zahide Muzart debateram vida e obra do poeta na Casa da Memória (10 de novembro de 2011), no projeto “Casa das Ideias”. Na abertura, o escritor Dennis Radünz fez a leitura dramática do conto antiescravagista “Consciência tranquila”.

NO CINEMA I — Cineclube Fundação Cultural Badesc exibiu no dia 16 a ficção “Alva Paixão” (23 min, 1993), de Maria Emília de Azevedo, e no dia 23 o documentário “Cruz e Sousa: a volta de um desterrado” (20 min., 2006), com debate entre Cláudia Cárdenas e Rafael Schlichting, diretores, e o historiador Fernando Boppré.

DIVERSIDADE — Museu Histórico de Santa Catarina abriu no dia 16 o “I Encontro Afro-Literário”, organizado pelo Instituto Enréa (ver página 12 de Ô Catarina!) e o “Seminário da Diversidade Étnico-Racial”, realizado pela Diretoria de Ensino Fundamental/Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis.

NO TEATRO — Coletivo Negras Experimentações Grupo de Arte (Nega), formado por artistas afrodescendentes ligados ao Centro de Artes da Udesc, apresentou em

Florianópolis o espetáculo “Manifesto Nega” (dia 19), no Teatro da Ubro, e uma intervenção no Terminal de Integração do Centro (dia 24).

NO PLENÁRIO — Câmara de Vereadores de Florianópolis realizou sessão solene de homenagem ao poeta em 21 de novembro, por iniciativa do edil Márcio de Souza, e a Câmara de Deputados promoveu no dia 22 a sessão alusiva ao poeta, por requerimento do deputado federal Esperidião Amin.

NO CINEMA II — Cineasta Sylvio Back exibiu a ficção “Cruz e Sousa: o poeta do Desterro” (86 min., 1999) no auditório da Casa José Boiteux, dia 22, promoção da ACL e da Fundação Franklin Cascaes. Nos comentários ao filme, Back defendeu o erguimento de monumento ao poeta nas águas da Baía Norte, alusão à cena final de seu longa-metragem.

SELO E GAME — Sessão solene realizada no dia 24 de novembro, no jardim do Museu Histórico de Santa Catarina/Palácio Cruz e Sousa, contou com palestra do escritor Uelinton Farias Alves, autor da biografia “Cruz e Sousa: Dante negro”, e marcou o lançamento do selo personalizado e carimbo comemorativo aos 150 anos de nascimento, uma iniciativa da Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis e dos Correios. No evento, alunos do “SC Games”/Ciasc/Secretaria Estadual de Desenvolvimento Sustentável (SDS) apresentaram a versão inicial de um jogo eletrônico ambientado no imaginário de Cruz e Sousa. No game, alguns enigmas são desvendados nos poemas. ■

GRUPO DE ARTICULAÇÃO CRUZ E SOUSA DO DESTERRO FOI FORMADO POR ACADEMIA CATARINENSE DE LETRAS (ACL), ASSOCIAÇÃO CATARINENSE DE IMPRENSA (ACI), CÂMARA DE DIRIGENTES LOJISTAS DE FLORIANÓPOLIS (CDL), CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES, FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA (FCC), INSTITUTO ENRÉA, INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE SANTA CATARINA (IHGSC), PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS — CONJUGANDO OS ÓRGÃOS COORDENADORIA MUNICIPAL DE PROMOÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA A IGUALDADE RACIAL (COPPIR), FUNDAÇÃO CULTURAL DE FLORIANÓPOLIS FRANKLIN CASCAES (FCFFC), SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (SME) E SECRETARIA MUNICIPAL DE TRANSPORTES, MOBILIDADE E TERMINAIS (SMTMT) —, SC GAMES/SC PARCEIRAS, UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DE SANTA CATARINA (UDESC) E UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC).

SEXTA-FEIRA SANTA

CRUZ e SOUZA

Lua absíntica, verde, feiticeira,
 Pasmada como um vício monstruoso...
 Um cão estranho fussa na esterqueira,
 Uivando para o espaço fabuloso.

Ésta a negra e santa **S**exta-feira!
Cristo está morto, como um vil leproso,
 Chagado e frio, na feroz cegueira
 Da **M**orte, o sangue roxo e tenebroso.

A serpente do mal e do pecado
 Um sinistro veneno esverdeado
 Verte do **M**orto na mudez serena.

Mas da sagrada **R**edenção do **C**risto
Em vez do grande **A**mor, puro, imprevisto,
 Brotam fosforescências de gangrena!

